



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

INSTITUTO DE LETRAS

MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS

SEVERINO ALVES REIS

**CADERNO DIDÁTICO-PEDAGÓGICO DE LEITURA E PRODUÇÃO
DE TEXTO EM RODAS DE CONVERSAS: ESCRIVIVÊNCIAS E
REEXISTÊNCIAS: DISCENTES DA EJA COMO SUJEITOS LEITORES
E ESCRITORES.**

Caderno didático-pedagógico apresentado como produto do processo formativo apresentado para conclusão do Mestrado Profissional em Letras (ProfLetras) da Universidade Federal da Bahia, orientado pela Prof^a. Dr^a. Ana Lúcia Silva Souza

Salvador

2021

Reis, Severino Alves.

Escrevivências e reexistências: discentes da EJA como sujeitos leitores e escritores / Severino Alves Reis. - 2021.

125 f.: il. + 1 Caderno pedagógico.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Lúcia Silva Souza.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, Salvador, 2021.

1. Língua portuguesa - Estudo e ensino. 2. Cultura afro-brasileira - Estudo e ensino. 3. Educação de jovens e adultos. 4. Letramento. 5. Escrita. 6. Evaristo, Conceição, 1946- . Olhos d'água. I. Souza, Ana Lúcia Silva. II. Universidade Federal da Bahia. Instituto de Letras. III. Título.

CDD - 469.07

CDU - 811.134.3:374.7

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	4
Rodas de conversas: desenvolvendo a proposta de intervenção.....	10
ROTEIRO 1	10
ROTEIRO 2	15
ROTEIRO 3	18
ROTEIRO 4	20
REFERÊNCIAS.....	26

APRESENTAÇÃO

A aquisição de conhecimento a partir da perspectiva da Educação de Jovens e Adultos, tanto no passado quanto no presente, sempre compreendeu uma etapa diversa de práticas e processos formais e informais. Formais, por estar associado ao processo de educação em uma escola, informal porque na vida cotidiana também há conhecimento e formação seja em ONGs, seja na vivência com a família, instituições religiosas entre outros lugares. Além disso, cabe ressaltar que esses processos pelos quais os estudantes vivenciam podem ser denominados de letramentos. Nesse sentido, Angela B. Kleiman (2010) conceitua letramento como fenômeno de interesse social para promoção da transformação da realidade. Ainda nessa perspectiva, a autora ratifica a questão do(s) letramento(s) como um conceito criado para referir-se aos usos da língua.

Assim, nos últimos anos, a Educação Básica, no Brasil, tem buscado ampliar os estudos no que tange à inclusão social, o respeito à diversidade de gênero, à questão étnica e racial e, nessa perspectiva, surge a relevância de se ampliar os estudos e entender como funciona o ensino desta diversidade dentro da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Não obstante, é relevante entender que a EJA é uma modalidade que abriga jovens de vivências diversas, seja na vida profissional, seja no campo de movimentos sociais, ou, ainda, se identificam com algum movimento, ou estão na busca pelo respeito e pela (re)construção da própria identidade: como é o ser homem e homem negro e o ser mulher e mulher negra no século XXI.

Nessa perspectiva, este caderno pedagógico de leitura e produção de texto autoral, em rodas de conversas, foi elaborado com base na pesquisa de conclusão de mestrado em contexto profissional, o Profletras, cujo título é **Escrevivências e Reexistências: Discentes da EJA como sujeitos leitores e escritores**. A pesquisa que subsidiou essa produção foi pensada para turmas da EJA, Fundamental II, 7ª e 8ª séries (hoje, Acelera II - II), no município de Dias d'Ávila, numa escola municipal, podendo ser desenvolvida também nas turmas de 5ª e 6ª séries (hoje, Acelera II – I) ou no Fundamental I (1º ao 4º ano), a partir do olhar do professor em formação (pesquisador), docente da turma, além de rodas de conversas com as turmas. Esse é um projeto de letramento desenvolvido a partir da aplicabilidade da lei 10639/2003, que institui a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira e africana e da análise de contos de Conceição Evaristo no livro Olhos d'água (2018), com

vistas a descortinar os preconceitos, racismo e sexismo ainda vigentes na sociedade brasileira, principalmente contra as mulheres e mulheres negras.

Analisando a ideia de que as experiências do estudante devem ser valorizadas, (STREET, 2014) traz o modelo ideológico como o mais ideal tanto para aprendizagem quanto para tornar visível a criticidade e o melhor aprendizado da língua e das questões que perpassam todo o campo social. Por isso, o modelo ideológico adotado, também, no decorrer da prática do projeto de intervenção, que agora está em formato de caderno, aliado aos letramentos vividos pelos estudantes.

E nesse projeto, além de estudar a questão de gênero, o despertar para a questão racial é de extrema importância nessa sociedade que vela o preconceito e o racismo. Nesse sentido, levar a discussão para a sala de aula é uma forma de mostrar para os alunos a importância que eles têm na sociedade, independente de classe, raça e gênero. E mostrar, também, que esse ambiente é de construção, de análise crítica da sociedade e que eles são ponto fundamental no processo educacional.

Cabe ressaltar, também, que o trabalho a ser desenvolvido na escola sobre a questão racial, de gênero e de classe veio em função de diálogos realizados entre docente e discente, além dos trabalhos desenvolvidos em sala de aula. Nessa perspectiva, os trabalhos e as rodas de conversas com os alunos e as alunas mostraram o vácuo deixado pela sociedade ao apontar sempre a mulher como submissa ao marido, que deve ser serviçal para eles, além de “aceitar” a violência doméstica em silêncio. Contudo, percebi que essa violência era acometida, principalmente, às mulheres pretas, de classe social menos favorecida e com pouca escolaridade formal, o que ainda é uma realidade, como aponta Suelaine Carneiro

Racismo, sexismo, discriminação e hierarquização sintetizam as violações praticadas primeiramente contra as africanas e os africanos e estendidos a todo o contingente negro brasileiro, concepções que penetraram e se estabeleceram nos diversos espaços sociais brasileiros, cujos efeitos são sentidos até os dias atuais. Violências, interdições e estereótipos, que foram reiteradamente reproduzidos e difundidos, sustentaram e justificaram desigualdades étnico-raciais, econômicas e sociais. (CARNEIRO, p. 126)

Dessa forma, para combatermos o racismo e a violência contra o homem negro e a mulher negra, além de Carneiro, para o desenvolvimento do projeto, apresentamos entre os aportes teóricos para esse diálogo: Miguel González Arroyo (2005), Kabengele Munanga (2008), Djamilia Ribeiro (2018), Conceição Evaristo (2016), Ana Célia Silva (2004), Brian V. Street (2014), Angela Kleiman (2005), Ana Lúcia Silva Souza (2011), Maria Amélia Dalvi (2013), Florence; Carboni (2003) e Nilma Lino Gomes (2005).

Todavia, não nos esqueçamos que outras teorias de vida presentes na pesquisa estão nos corpos das e dos estudantes que, na sala de aula, sonham e nos permitem sonhar. Para que todo o processo de proposição de aplicação do projeto seja, de fato, gratificante e que objetivos esperado sejam alcançados: almeja uma sociedade mais justa, mais igualitária, mulheres e, também homens, mais cômicas da sua importância na escola e na sociedade e entender que o direito à vida deve ser independente de gênero, cor da pele ou classe social.

A produção escrita, a partir dos contos de Conceição Evaristo, será o foco desse projeto, contudo, sem deixar de lado a leitura crítica feita por cada participante acerca dos contos, das histórias dos colegas e das próprias histórias. Outro ponto essencial para desenvolvimento do projeto com foco nos contos de Conceição Evaristo foi ouvir histórias, depoimentos de mulheres negras que sofreram com descaso da família, com a violência em suas diversas faces (sociais e domésticas), o “abandono” dos estudos por esses e por essas estudantes foram fatores que me impulsionaram a pesquisar e estudar como fazer com que esses sofrimentos se tornem histórias para ajudar outras mulheres negras a lutarem por liberdade, independência e respeito. Cabe salientar que a escolha por Evaristo vem também em virtude de a autora ter uma escrita baseada na própria história de vida, nas vivências e como forma de sublimar a realidade o que ela denomina de *escrevivência*, como afirma

A pobreza pode ser um lugar de aprendizagem, mas apenas quando você a vence. Se não, é o lugar da revolta, da impotência, da incompreensão. E aí você não faz nada. Hoje eu vejo que a pobreza foi o lugar fundamental da minha aprendizagem diante da vida”. “Minha literatura não é pior nem melhor do que qualquer outra, só nasce de uma experiência diferente da qual eu me orgulho e que não quero camuflar”. (EVARISTO, 2016)¹

Pensar a partir da escrita de Conceição Evaristo, é refletir o processo pelo qual a autora foi alfabetizada, entrou no mundo das letras, é entender o seu processo de letramento. Evaristo sempre afirma, em suas entrevistas e em seus escritos, que o processo de letramento foi na informalidade, ou seja, aprendera a ler e a escrever dentro de casa, a partir de rabiscos no chão, além de a mãe mostrar revistas, mesmo não sabendo ler. Mas, sabiam que naquele material existia um mundo a ser desvendado, um mundo de letras e conhecimentos. Aos poucos, fora adentrando a esse mundo até então desconhecido.

¹ Entrevista concedida ao Jornal O Globo, em 11/07/2016, com o título: **Conceição Evaristo: a literatura como arte da ‘escrevivência**. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/livros/conceicao-evaristo-literatura-como-arte-da-escrevivencia-19682928#ixzz4E6xZ7TFF>. Acesso em: 03 out. 2019.

Talvez o primeiro sinal gráfico, que me foi apresentado como escrita, tenha vindo de um gesto antigo de minha mãe. [...] Ainda me lembro, o lápis era um graveto, quase sempre em forma de uma forquilha, e o papel era a terra lamacenta, rente as suas pernas abertas. Mãe se abaixava, mas antes cuidadosamente ajuntava e enrolava a saia, para prendê-la entre as coxas e o ventre. E de cócoras, com parte do corpo quase alisando a umidade do chão, ela desenhava um grande sol, cheio de infinitas pernas. Era um gesto solene, que acontecia sempre acompanhado pelo olhar e pela postura cúmplice das filhas, eu e minhas irmãs, todas nós ainda meninas. (EVARISTO, 2005)²

A partir dessa fala de Evaristo, podemos perceber o quão a escrita, de fato, é baseada nas escrevivências, contudo de forma a levar o leitor a mergulhar num mundo até então desconhecido. É uma escrita simples com uma fruição, o que faz com que o leitor viaje nas histórias e tenham motivação para continuar a leitura e a escrita. Nessa perspectiva, o aluno da EJA também poderá se vê presente nas histórias de Evaristo o que pode servir como motivação para não desistir do processo de leitura e de escrita, nem de conquistar os sonhos, independente de idade. Assim, Evaristo (2005), em seu texto *Da grafia-desenho de minha mãe um dos lugares de nascimento da minha escrita*, deixa-nos evidente a importância da escrita e da leitura na vida das pessoas, principalmente da mulher negra: mulheres (como eu) tenham percebido que se o ato de ler oferece a apreensão do mundo, o de escrever ultrapassa os limites de uma percepção da vida. Escrever pressupõe um dinamismo próprio do sujeito da escrita, proporcionando-lhe a sua autoinscrição no interior do mundo.

Para trazer à tona histórias desconhecidas, vozes, até então, emudecidas, o projeto vem com a finalidade de vociferar essas escrevivências, apresentando-as à comunidade, expondo os textos em uma Curadoria que pode ser aberta ao público, como já citado, não só a comunidade escolar mas também a comunidade que fica no entorno, assim como para todo o município.

TEMPO PREVISTO: 24 HORAS/AULA

GÊNERO TEXTUAL: Relato de experiência vivida

² **Da grafia-desenho de minha mãe um dos lugares de nascimento de minha escrita.** Texto apresentado na Mesa de Escritoras Afro-brasileiras, no XI Seminário Nacional Mulher e Literatura/II Seminário Internacional Mulher e Literatura, Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <http://nossaescrevivencia.blogspot.com/2012/08/da-grafia-desenho-de-minha-mae-um-dos.html>. Acesso em: 04 out. 2019.

METODOLOGIA

Aliado ao estudo de contos de Conceição Evaristo e leituras de Djamila Ribeiro a questão da diversidade de gênero e a importância dos estudos sobre a EJA; conhecer os jovens e adultos frequentadores desta modalidade foram o *start* para continuar os estudos e, inicialmente, pesquisas bibliográficas acerca da temática.

Contudo, é relevante salientar que se faz necessário refletir acerca da necessidade de quebrar as correntes do preconceito, do tabu e dar a “luz” àqueles que foram excluídos (jovens, adultos, mulheres) da sociedade por um longo período; seja através de insultos direcionados a esta minoria, seja pelo silêncio repressor que não problematiza o teor dos discursos ofensivos, na comunidade, na sala de aula ou no espaço escolar como todo.

Assim, dois eixos foram escolhidos, para desenvolver o trabalho, baseados em pesquisas bibliográficas *a priori*, seguida de um estudo de cunho etnográfico que seria realizada numa Escola do município de Dias d’Ávila – Bahia, porém em virtude da Pandemia do Coronavírus não pôde ser realizada, por perceber que o ambiente escolar é um local também marcado pelo silêncio repressor e violência simbólica:

- Relações de gênero, raça e classe na sociedade.
- O jovem e a necessidade do retorno à escola, na modalidade EJA, mas como cidadãos de direito e com voz ativa e produção autoral de textos.

A definição desses dois eixos é ponto fundamental do interesse pela pesquisa e pela história tanto dos jovens, que prezam por uma educação mais igualitária, quanto das mulheres, para que as algemas da opressão, exploração e do preconceito sejam quebrados.

Por conseguinte, os diversos artigos lidos, trabalhos publicados, livros e autores consagrados como Miguel González Arroyo (2005), este traz um estudo sobre quem são os jovens e os prováveis motivos do afastamento dos estudos, como, por exemplo, trabalho, família. Já na questão de raça, a análise pautou-se entre outros autores, Kabengele Munanga (2008), Ana Célia da Silva (2004), Conceição Evaristo (2016), Ana Lucia Silva Souza (2011), entre outros autores. A fala de Ana Célia Silva (2004) sintetiza a visão do ser negro não só no Livro Didático como também na sociedade, como, por exemplo, no livro didático os brancos têm nome, têm família constituída e exercem papéis e funções conceituadas na sociedade, diferentemente dos negros que têm sua cultura ultrajada e sempre que aparece é “folclorizada”. Como se a cultura do negro não tivesse valor histórico e social. Porém, é

fato que selecionar textos, livros e artigos não foi uma tarefa fácil e simples, contudo o projeto começou a sair da abstração e começou a ser concretizado com a escrita.

Além disso, lidar com as narrativas orais, dentro desse contexto, é importante, pois, através delas, o sujeito toma consciência de si, das suas histórias e da própria importância na/da (re)construção de conceitos dentro da sociedade. Nesse sentido, Marie-Christine Josso (2007) diz que “as narrações centradas na formação ao longo da vida revelam formas e sentidos múltiplos de existencialidade singular-plural, criativa e inventiva do pensar, do agir e do viver junto”, a partir das histórias é possível perceber que não existe apenas uma história de um ser humano, mas várias histórias de um mesmo ser humano, que um dia foi obrigado a abandonar, por exemplo, os estudos devido a um sistema dominado pelo homem, machista e autoritário, em que a mulher não era ouvida, não tinha espaço para opinar; mas, pensar para trabalhar, somente, nos serviços domésticos e/ou ajudar os maridos em atividades diversas, até mesmo sendo escrava dos desejos sexuais deste homem.

RODAS DE CONVERSA: DESENVOLVENDO A PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

ROTEIRO 1

Sensibilização do projeto, apresentando a proposta da atividade de intervenção (projeto de leitura com a finalidade de escrita de relatos, o que finalizaremos com a produção de uma Curadoria com os relatos escritos pelos próprios alunos), levantando o conhecimento prévio dos estudantes sobre o *tema*. Além disso, durante o processo de escrita haverá também a

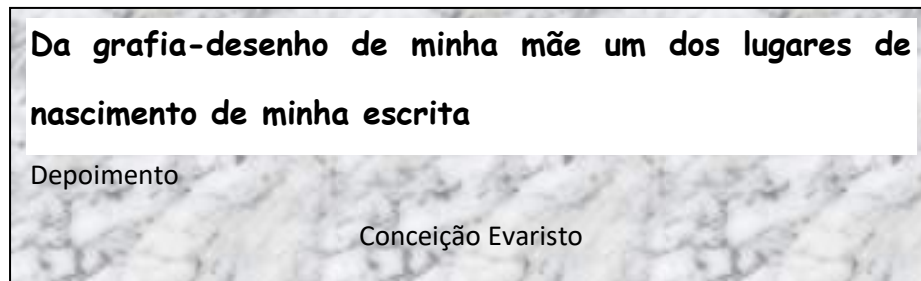
reescrita. Dessa forma, o aprendizado e desenvolvimento da escrita se dará de forma teórica e prática. Lembrando que a cada roteiro, dar-se-á a escrita do texto, ou melhor, ao final Roteiro 1, teremos um texto escrito pelos estudantes. Entretanto, esse mesmo texto será reescrito a cada roteiro, com orientação do professor. Afinal, a cada roteiro, será discutido um conto que poderá servir de ponto de partida para agregar ainda mais nas escritas e/ou nos relatos deles.



Objetivos:

- Apresentar Conceição Evaristo aos alunos.
- Apresentar aos alunos o surgimento do racismo na história da sociedade.
- Ler o texto **DA GRAFIA-DESENHO DE MINHA MÃE UM DOS LUGARES DE NASCIMENTO DE MINHA ESCRITA** e debater acerca do processo de escrita e leitura de cada aluno
- **Tempo:** 6 aulas

Desenvolvimento: Após a apresentação do projeto, será lido o texto: DA GRAFIA-DESENHO DE MINHA MÃE UM DOS LUGARES DE NASCIMENTO DE MINHA ESCRITA, seguido de questionamentos e, em seguida, a escrita do processo de aprendizagem individual.



Talvez o primeiro sinal gráfico, que me foi apresentado como escrita, tenha vindo de um gesto antigo de minha mãe. Ancestral, quem sabe? Pois de quem ela teria herdado aquele ensinamento, a não ser dos seus, os mais antigos ainda? Ainda me lembro, o lápis era um graveto, quase sempre em forma de uma forquilha, e o papel era a terra lamacenta, rente as suas pernas abertas. Mãe se abaixava, mas antes cuidadosamente ajuntava e enrolava a saia, para prendê-la entre as coxas e o ventre. E de cócoras, com parte do corpo quase alisando a umidade do chão, ela desenhava um grande sol, cheio de infinitas pernas. Era um gesto solene, que acontecia sempre acompanhado pelo olhar e pela postura cúmplice das filhas, eu e minhas irmãs, todas nós ainda meninas. Era um ritual de uma escrita composta de múltiplos gestos, em que todo corpo dela se movimentava e não só os dedos. E os nossos corpos também, que se deslocavam no espaço acompanhando os passos de mãe em direção à página-chão em que o sol seria escrito. Aquele gesto de movimento-grafia era uma simpatia para chamar o sol. Fazia-se a estrela no chão.

Na composição daqueles traços, na arquitetura daqueles símbolos, alegoricamente ela imprimia todo o seu desespero. Minha mãe não desenhava, não escrevia somente um sol, ela chamava por ele, assim como os artistas das culturas tradicionais africanas sabem que as suas máscaras não representam uma entidade, elas são as entidades esculpidas e nomeadas por eles. E no círculo-chão, minha mãe colocava o sol, para que o astro se engrandecesse no infinito e se materializasse em nossos dias. Nossos corpos tinham urgências. O frio se fazia em nossos estômagos. Na nossa pequena casa, roupas molhadas, poucas as nossas e muitas as alheias, isto é, as das patroas, corriam o risco de mofarem acumuladas nas tinas e nas bacias. A chuva contínua retardava o trabalho e pouco dinheiro, advindo dessa tarefa, demorava mais e mais no tempo. Precisávamos do tempo seco para enxugar a preocupação da mulher que enfeitava a madrugada com lençóis arrumados um a um nos varais, na corda bamba da vida. Foi daí, talvez, que eu descobri a função, a urgência, a dor, a necessidade e a esperança da escrita. É preciso comprometer a vida com a escrita ou é o inverso? Comprometer a escrita com a vida?

Mais um momento, ainda bem menina, em que a escrita me apareceu em sua função utilitária e às vezes, até constrangedora, era no momento da devolução das roupas limpas. Uma leitura solene do rol acontecia no espaço da cozinha das senhoras:

4 lençóis brancos,
4 fronhas,
4 cobre-leitos,
4 toalhas de banho,
4 toalhas de rosto,
2 toalhas de mesa,
15 calcinhas,
20 toalhinhas,
10 cuecas,
7 pares de meias,
etc, etc, etc.

As mãos lavadeiras, antes tão firmes no esfrega-torce e no passa-dobra das roupas, ali diante do olhar conferente das patroas, naquele momento se tornavam trêmulas, com receio de terem perdido ou trocado alguma peça. Mãos que obedeciam a uma voz-conferente. Uma mulher pedia, a outra entregava. E quando, eu menina

testemunhava as toalhinhas antes embebidas de sangue, e depois, já no ato da entrega, livres de qualquer odor ou nódoa, mais a minha incompreensão diante das mulheres brancas e ricas crescia. As mulheres de minha família, não sei como, no minúsculo espaço em que vivíamos, segredavam seus humores íntimos. Eu não conhecia o sangramento de nenhuma delas. E quando em meio às roupas sujas, vindas para a lavagem, eu percebia calças de mulheres e minúsculas toalhas, não vermelhas, e sim sangradas do corpo das madames, durante muito tempo pensei que as mulheres ricas urinassem sangue de vez em quando.

Foram, ainda, essas mãos lavadeiras, com seus sois riscados no chão, com seus movimentos de lavar o sangue íntimo de outras mulheres, de branquejar a sujeira das roupas dos outros, que desesperadamente seguraram em minhas mãos. Foram elas que guiaram os meus dedos no exercício de copiar meu nome, as letras do alfabeto, as sílabas, os números, difíceis deveres de escola, para crianças oriundas de famílias semianalfabetas. Foram essas mãos também que folheando comigo, revistas velhas, jornais e poucos livros que nos chegavam recolhidos dos lixos ou recebidos das casas dos ricos, que aguçaram a minha curiosidade para a leitura e para a escrita. daquelas mãos lavadeiras recebi também cadernos feitos de papéis de embrulho de pão, ou ainda outras folhas soltas, que, pacientemente costuradas, evidenciavam a nossa pobreza, e distinguiam mais uma de nossas diferenças, em um grupo escolar, que nos anos 50 recebia a classe média alta belorizontina.

Das mãos lavadeiras, recebi ainda listas de mantimentos, palavras cifradas, preços calculados para não ultrapassar o nosso minguado orçamento (sempre ultrapassavam) e lá ia eu, menina, às tendinhas, aos armazéns e às padarias perto da favela para fazer compras. Nesse exercício de quase adivinhar os textos escritos produzidos por minha família, quem sabe o meu aprendizado para um dia caminhar pelas vias da ficção...

Ainda, uma de minhas tias, a que me criou, tinha por hábito de anotar resumidamente em folhas de papéis, datas e acontecimentos importantes, desde fatos relacionados à economia doméstica, a acontecimentos sociais ou religiosos. Anotações familiares como:

“A nossa última galinha d’angola fugiu semana passada, isto é no final do mês de novembro”.

“No dia 13 de dezembro, pus a galinha garnisé para chocar sobre nove ovos”.

“Dona Etelvina de Seu Basílio voltou para São Paulo no dia 15 de agosto de 1965”.

“Já paguei duas mensalidades para ajudar na festa da Capela do Rosário”.

“Maria Inês, minha sobrinha ficou noiva no dia 22 de junho de 1969”.

E á medida que eu crescia e os meus conhecimentos também, alguns desses eventos passaram a ser registrados por mim, como também passou a ser de minha responsabilidade cuidar de meus irmãos menores na escola, acompanhar seus deveres, ir às reuniões escolares e transmitir os resultados para mim mãe. De meus irmãos passei a acompanhar os deveres das crianças menores vizinhas. No pequeno quintal de nossa casa, debaixo das árvores, improvisei uma sala de aula. Das moedas, que me eram dadas pelas mães gratas pelo desenvolvimento de seus filhos na escola, surgiam meu primeiro salariozinho. Riqueza que me permitia comprar ora o pão diário, ora açúcar, ora o leite do irmãozinho menor, ora um caderno para mim, e às vezes algum livrinho, (revistinhas infantis, gibis, que não sei porque eu considerava como sendo livro) ou ainda obter uma alegria maior: doces, doces, doces...

Mas digo sempre: creio que a gênese de minha escrita está no acúmulo de tudo que ouvi desde a infância. O acúmulo das palavras, das histórias que habitavam em nossa casa e adjacências. Dos fatos contados a meia-voz, dos relatos da noite, segredos, histórias que as crianças não podiam ouvir. Eu fechava os olhos fingindo dormir e acordava todos os meus sentidos. O meu corpo por inteiro recebia palavras, sons, murmúrios, vozes entrecortadas de gozo ou dor dependendo do enredo das histórias. De olhos cerrados eu construía as faces de minhas personagens reais e falantes. Era um jogo de escrever no escuro. No corpo da noite.

Na origem da minha escrita ouço os gritos, os chamados das vizinhas debruçadas sobre as janelas, ou nos vãos das portas contando em voz alta uma para outras as suas mazelas, assim como as suas alegrias. Como ouvi conversas de mulheres! Falar e ouvir entre nós, era a talvez a única defesa, o único remédio que possuíamos. Venho de uma família em que as mulheres, mesmo não estando totalmente livres de uma dominação machista, primeira a dos patrões, depois a dos homens seus familiares, raramente se permitiam fragilizar. Como “cabeça” da família, elas construía um mundo próprio, muitas vezes distantes e independentes de seus homens e mormente para apoiá-los depois. Talvez por isso tantas personagens femininas em meus poemas e em minhas narrativas? Pergunto sobre isto, não afirmo.

Afirmo, porém que foi do tempo/espaço que aprendi desde criança a colher as palavras. Não nasci rodeada de livros, do meu berço trago a propensão, o gosto para ouvir e contar histórias. A grande oportunidade para a leitura constante me chegou, quando eu, já quase mocinha tinha a autonomia para ir e vir a Biblioteca Pública de Belo Horizonte, casa-tesouro, em que uma das minhas tias se tornou servente.

Se a leitura desde a adolescência foi para mim um meio, uma maneira de suportar o mundo, pois me proporcionava um duplo movimento de fuga e inserção no espaço em que eu vivia, a escrita também desde aquela época, abarcava estas duas possibilidades. Fugir para sonhar e inserir-se para modificar. Essa inserção para mim pedia a escrita. E se inconscientemente desde pequena, nas redações escolares eu inventava outro mundo, pois dentro dos meus limites de compreensão, eu já havia entendido a precariedade da vida que nos era

oferecida, aos poucos fui ganhando uma consciência. Consciência que compromete a minha escrita como um lugar de autoafirmação de minhas particularidades, de minhas especificidades como sujeito-mulher-negra.

E retomando a imagem da escrita diferencial de minha mãe, que surge marcada por um comprometimento de traços e corpo, (o dela e nossos) e ainda a um de diário escrito por ela, volto ao gesto em que ela escrevia o sol na terra e imponho a mim mesma uma pergunta. O que levaria determinadas mulheres, nascidas e criadas em ambientes não letrados, e quando muito, semialfabetizados, a romperem com a passividade da leitura e buscarem o movimento da escrita?

Tento responder. Talvez, estas mulheres (como eu) tenham percebido que se o ato de ler oferece a apreensão do mundo, o de escrever ultrapassa os limites de uma percepção da vida. Escrever pressupõe um dinamismo próprio do sujeito da escrita, proporcionando-lhe a sua autoinscrição no interior do mundo. E, em se tratando de um ato empreendido por mulheres negras, que historicamente transitam por espaços culturais diferenciados dos lugares ocupados pela cultura das elites, escrever adquire um sentido de insubordinação. Insubordinação que pode se evidenciar, muitas vezes, desde uma escrita que fere “as normas cultas” da língua, caso exemplar o de Carolina Maria de Jesus, como também pela escolha da matéria narrada.

A nossa escrevivência não pode ser lida como histórias para “ninar os da casa grande” e sim para incomodá-los em seus sonos injustos.[1]

Rio de Janeiro Agosto de 2005

[1] Publicado no livro Representações Performativas Brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces. (org) Marcos Antônio Alexandre, Belo Horizonte, Mazza Edições, 2007, p 16-21.

Texto disponível. <http://nossaescrevivencia.blogspot.com/2012/08/da-grafia-desenho-de-minha-mae-um-dos.html>. Disponível em: Acesso em: 09 de fev. 2020.

Questões norteadoras para a discussão a partir da leitura do texto: Da grafia-desenho de minha mãe um dos lugares de nascimento de minha escrita.

1. O que mais chamou a tua atenção no texto?
2. Como você interpreta a citação: “A nossa escrevivência não pode ser lida como histórias para “ninar os da casa grande” e sim para incomodá-los em seus sonos injustos” ?
3. Como se deu o seu processo de leitura e de escrita?
 - 3.1 Há algo similar entre o seu processo e o da autora?

A atividade será feita em roda de conversa, a partir das respostas escritas pelo aluno, ou seja, após a leitura será dado um tempo para que todos possam responder no material impresso. Em seguida, será realizada a roda de conversa para dialogarmos acerca das questões propostas e de outras que possam surgir durante o processo.

Durante o processo de diálogo, estarei fazendo anotações no meu caderno de campo.

RESPOSTAS: Todas as respostas são pessoais, devendo-se levar em consideração a pertinência ao tema e ao texto lido. Portanto, o professor, enquanto mediador, deverá ponderar cada resposta e fazer as intervenções caso necessário.

Vejamos mais uma forma de como avaliar os textos de Conceição Evaristo, tomando como exemplo ainda o texto do Roteiro 1 - “Da grafia-desenho de minha mãe um dos lugares de nascimento de minha escrita”

Analisando o texto inicial com a turma.

Vamos falar de metáforas e figuras de linguagem sem precisar decorar; vamos falar de ritmo e poesia sem ser algo chato; vamos falar da presença e da fala de Conceição Evaristo e as intencionalidades em cada texto.

Um pequeno exemplo de análise com a turma.

Texto em mãos.

“Talvez o primeiro sinal gráfico, que me foi apresentado como escrita, tenha vindo de um gesto antigo de minha mãe. Ancestral, quem sabe? Pois de quem ela teria herdado aquele ensinamento, a não ser dos seus, os mais antigos ainda?”

O que esse excerto nos traz?

Além da fala da autora, podemos analisar outras faces:

Olhar a fala doce e poética, cheia de metáforas e histórias, logo no início.

“Sinal Gráfico, um gesto antigo da mãe. Ancestral, quem sabe?”

Pensar na ancestralidade. Já dialogando com a turma sobre o que é e o porquê a autora traz logo de início. Mais uma forma de lúdica de entender a ancestralidade e o respeito pelo conhecimento dos mais velhos.

O poder da mulher, da matriarca da família. A família reunida, admirando cada gesto, cada olhar de forma doce. Perceber as figuras de linguagem ao longo do texto sem precisar decorar.

O uso da linguagem em seu sentido conotativo e a fala do corpo

“E de cócoras, com parte do corpo quase alisando a umidade do chão, **ela desenhava um grande sol, cheio de infinitas pernas**. Era um gesto solene, que acontecia sempre acompanhado pelo olhar e pela postura cúmplice das filhas, eu e minhas irmãs, todas nós ainda meninas. ”

O corpo fala “Era um ritual de uma escrita composta de múltiplos gestos, em que todo corpo dela se movimentava e não só os dedos.”

Mais uma metáfora para ser analisada com a turma: que sentidos trazem essa fala da personagem? **O frio se fazia em nossos estômagos**. Será que podemos associar à fome?

Lembrando que após o a roda de conversa, é hora de começar a escrever a própria história.

É preciso comprometer a vida com a escrita ou é o inverso? Comprometer a escrita com a vida?

ROTEIRO 2

Objetivos:

Apresentar o gênero relato e promover a escrita inicial do gênero.

Analisar com os alunos contos de Conceição Evaristo (Iniciando pelo conto que leva o nome do livro “Olhos d’água”)

Tempo: seis aulas

Desenvolvimento: Retomada do relato de escrita

de cada aluno; identificando estrutura e reescrevendo, caso necessário. Além disso, a exposição oral do texto para o aluno que se sentir confortável em fazer a leitura das práticas de escrita.

Em seguida, apresentar o conto **Olhos d’água**, dialogando sobre o título e fazendo inferências sobre a escolha de cada palavra para compô-lo.

Conceição Evaristo
OLHOS D’ÁGUA



Olhos d’água

Uma noite, há anos, acordei bruscamente e uma estranha pergunta explodiu de minha boca. De que cor eram os olhos de minha mãe? Atordoada, custei reconhecer o quarto da nova casa em que eu estava morando e não conseguia me lembrar de como havia chegado até ali. E a insistente pergunta martelando, martelando. De que cor eram os olhos de minha mãe? Aquela indagação havia surgido há dias, há meses, posso dizer. Entre um afazer e outro, eu me pegava pensando de que cor seriam os olhos de minha mãe. E o que a princípio tinha sido um mero pensamento interrogativo, naquela noite, se transformou em uma dolorosa pergunta carregada de um tom acusativo. Então eu não sabia de que cor eram os olhos de minha mãe?

Sendo a primeira de sete filhas, desde cedo busquei dar conta de minhas próprias dificuldades, cresci rápido, passando por uma breve adolescência. Sempre ao lado de minha mãe, aprendi a conhecê-la. Decifrava o seu silêncio nas horas de dificuldades, como também sabia reconhecer, em seus gestos, prenúncios de possíveis alegrias. Naquele momento, entretanto, me descobria cheia de culpa, por não recordar de que cor seriam os seus olhos. Eu achava tudo muito estranho, pois me lembrava nitidamente de vários detalhes do corpo dela.

Da unha encravada do dedo mindinho do pé esquerdo... da verruga que se perdia no meio de uma cabeleira crespa e bela... Um dia, brincando de pentear boneca, alegria que a mãe nos dava quando, deixando por uns momentos o lava-lava, o passa-passa das roupagens alheias e se tornava uma grande boneca negra para as

filhas, descobrimos uma bolinha escondida bem no couro cabeludo dela. Pensamos que fosse carrapato. A mãe cochilava e uma de minhas irmãs, aflita, querendo livrar a boneca-mãe daquele padecer, puxou rápido o bichinho. A mãe e nós rimos e rimos e rimos de nosso engano. A mãe riu tanto, das lágrimas escorrerem. Mas de que cor eram os olhos dela? Eu me lembrava também de algumas histórias da infância de minha mãe. Ela havia nascido em um lugar perdido no interior de Minas. Ali, as crianças andavam nuas até bem grandinhas. As meninas, assim que os seios começavam a brotar, ganhavam roupas antes dos meninos. Às vezes, as histórias da infância de minha mãe confundiam-se com as de minha própria infância. Lembro-me de que muitas vezes, quando a mãe cozinhava, da panela subia cheiro algum. Era como se cozinhasse, ali, apenas o nosso desesperado desejo de alimento. As labaredas, sob a água solitária que fervia na panela cheia de fome, pareciam debochar do vazio do nosso estômago, ignorando nossas bocas infantis em que as línguas brincavam a salivar sonho de comida. E era justamente nesses dias de parco ou nenhum alimento que ela mais brincava com as filhas. Nessas ocasiões, a brincadeira preferida era aquela em que a mãe era a Senhora, a Rainha. Ela se assentava em seu trono, um pequeno banquinho de madeira. Felizes, colhíamos flores cultivadas em um pequeno pedaço de terra que circundava o nosso barraco. As flores eram depois solenemente distribuídas por seus cabelos, braços e colo.

E diante dela fazíamos reverências à Senhora. Postávamos deitadas no chão e batíamos cabeça para a Rainha. Nós, princesas, em volta dela, cantávamos, dançávamos, sorriamos. A mãe só ria de uma maneira triste e com um sorriso molhado... Mas de que cor eram os olhos de minha mãe? Eu sabia, desde aquela época, que a mãe inventava esse e outros jogos para distrair a nossa fome. E a nossa fome se distraía. Às vezes, no final da tarde, antes que a noite tomasse conta do tempo, ela se sentava na soleira da porta e, juntas, ficávamos contemplando as artes das nuvens no céu. Um viravam carneirinhos; outras, cachorrinhos; algumas, gigantes adormecidos, e havia aquelas que eram só nuvens, algodão doce. A mãe, então, espichava o braço, que ia até o céu, colhia aquela nuvem, repartia em pedacinhos e enfiava rápido na boca de cada uma de nós. Tudo tinha de ser muito rápido, antes que a nuvem derretesse e com ela os nossos sonhos se esvaecessem também. Mas de que cor eram os olhos de minha mãe? Lembro-me ainda do temor de minha mãe nos dias de fortes chuvas. Em cima da cama, agarrada a nós, ela nos protegia com seu abraço. E com os olhos alagados de prantos balbuciava rezas a Santa Bárbara, temendo que o nosso frágil barraco desabasse sobre nós. E eu não sei se o lamento-pranto de minha mãe, se o barulho da chuva... Sei que tudo me causava a sensação de que a nossa casa balançava ao vento. Nesses momentos os olhos de minha mãe se confundiam com os olhos da natureza. Chovia, chorava! Chorava, chovia! Então, por que eu não conseguia lembrar a cor dos olhos dela? E naquela noite a pergunta continuava me atormentando. Havia anos que eu estava fora de minha cidade natal. Saía de minha casa em busca de melhor condição de vida para mim e para minha família: ela e minhas irmãs tinham ficado para trás.

Mas eu nunca esquecera a minha mãe. Reconhecia a importância dela na minha vida, não só dela, mas de minhas tias e de todas as mulheres de minha família. E também, já naquela época, eu entoava cantos de louvor a todas as nossas ancestrais, que desde a África vinham arando a terra da vida com as suas próprias mãos, palavras e sangue. Não, eu não esqueço essas Senhoras, nossas Yabás, donas de tantas sabedorias. Mas de que cor eram os olhos de minha mãe? E foi então que, tomada pelo desespero por não me lembrar de que cor seriam os olhos de minha mãe, naquele momento resolvi deixar tudo e, no dia seguinte, voltar à cidade em que nasci. Eu precisava buscar o rosto de minha mãe, fixar o meu olhar no dela, para nunca mais esquecer a cor de seus olhos. Assim fiz. Voltei, aflita, mas satisfeita. Vivía a sensação de estar cumprindo um ritual, em que a oferenda aos Orixás deveria ser a descoberta da cor dos olhos de minha mãe. E quando, após longos dias de viagem para chegar à minha terra, pude contemplar extasiada os olhos de minha mãe, sabem o que vi? Sabem o que vi? Vi só lágrimas e lágrimas. Entretanto, ela sorria feliz. Mas eram tantas lágrimas, que eu me perguntei se minha mãe tinha olhos ou rios caudalosos sobre a face. E só então compreendi. Minha mãe trazia, serenamente em si, águas correntezas. Por isso, prantos e prantos a enfeitar o seu rosto. A cor dos olhos de minha mãe era cor de olhos d'água. Águas de Mamãe Oxum! Rios calmos, mas profundos e enganosos para quem contempla a vida apenas pela superfície. Sim, águas de Mamãe Oxum. Abracei a mãe, encostei meu rosto no dela e pedi proteção. Senti as lágrimas delas se misturarem às minhas. Hoje, quando já alcancei a cor dos olhos de minha mãe, tento descobrir a cor dos olhos de minha filha. Faço a brincadeira em que os olhos de uma se tornam o espelho para os olhos da outra. E um dia desses me surpreendi com um gesto de minha menina. Quando nós duas estávamos nesse doce jogo, ela tocou suavemente no meu rosto, me contemplando intensamente. E, enquanto jogava o olhar dela no meu, perguntou baixinho, mas tão baixinho, como se fosse uma pergunta para ela mesma, ou como estivesse buscando e encontrando a revelação de um mistério ou de um grande segredo. Eu escutei quando, sussurrando, minha filha falou:

— Mãe, qual é a cor tão úmida de seus olhos?

(Olhos d'água, 15- 19)

Possíveis questões norteadoras para a discussão a partir da leitura do texto **Olhos d'água**

1. O texto lido é um conto ou um relato?
2. Qual a relação entre o título e o texto?
3. Por que a filha não lembra a cor dos olhos da mãe?
4. Quando os filhos estão com fome, o que uma mãe é capaz de fazer? No conto, a mãe contava histórias, brincava...
5. É perceptível que a mãe é uma mulher negra e que passa por alguns problemas sociais. Por inferência, que problemas sociais podemos citar? Na vida real, também existem mulheres que passam por situações semelhantes? Caso afirmativo, como enfrentar esse tipo de situação?
- 5.1 Será que os governantes ajudam essas famílias? Justifique.
6. Que outras considerações podemos fazer acerca do texto lido?
7. Produzindo o próprio texto/retrato.

As respostas serão gravadas em roda de conversa, além das minhas anotações no caderno de campo. Assim será a partir desse momento. E só relembando, ao final de cada roteiro, o aluno e a aluna agregarão mais informações ao primeiro texto autoral escrito, desde o primeiro roteiro com as orientações e dadas pelo professor.

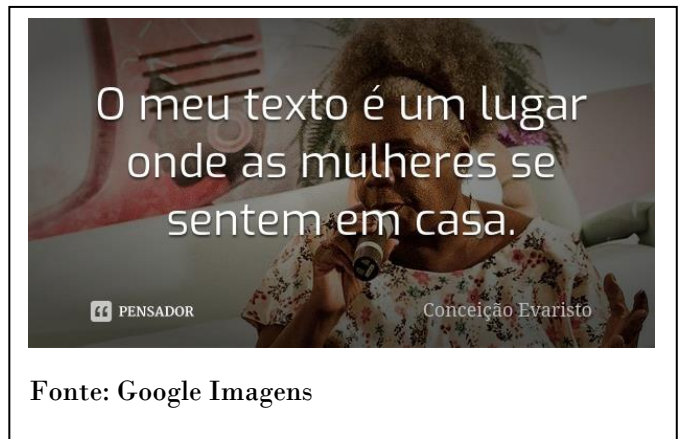
RESPOSTAS: Todas as respostas são pessoais, devendo-se levar em consideração a pertinência ao tema e ao texto lido. Portanto, o professor, enquanto mediador, deverá ponderar cada resposta e fazer as intervenções caso necessário.

ROTEIRO 3

Objetivos: Ler o conto Maria e discutir acerca das representações de gênero e raça presentes no texto.

Tempo: seis aulas

Desenvolvimento: Retomada do relato de escrita de cada aluno; identificando estrutura e reescrevendo, caso necessário. Além disso, a exposição oral do texto do próprio aluno para a turma, para o estudante que se sentir confortável em fazer a leitura das práticas de escrita.



Fonte: Google Imagens

Em seguida, apresentar o conto **Maria**, dialogando sobre o título e fazendo inferências sobre a escolha do nome para o título e discutindo as questões de gênero, raça e classe presentes no conto. Depois, dialogar acerca das experiências vividas e/ou experiências de vizinhos, amigos ou familiares.

Maria

Maria estava parada há mais de meia hora no ponto de ônibus. Estava cansada de esperar. Se a distância fosse menor, teria ido a pé. Era preciso mesmo ir se acostumando com a caminhada. Os ônibus estavam aumentando tanto! Além do cansaço, a sacola estava pesada. No dia anterior, no domingo, havia tido festa na casa da patroa. Ela levava para casa os restos. O osso do pernil e as frutas que tinham enfeitado a mesa. Ganhara as frutas e uma gorjeta. O osso a patroa ia jogar fora. Estava feliz, apesar do cansaço. A gorjeta chegara numa hora boa. Os dois filhos menores estavam muito gripados. Precisava comprar xarope e aquele remedinho de desentupir o nariz. Daria para comprar também uma lata de Toddy. As frutas estavam ótimas e havia melão. As crianças nunca tinham comido melão. Será que os meninos gostavam de melão?

A palma de umas de suas mãos doía. Tinha sofrido um corte, bem no meio, enquanto cortava o pernil para a patroa. Que coisa! Faca-laser corta até a vida!

Quando o ônibus apontou lá na esquina, Maria abaixou o corpo, pegando a sacola que estava no chão entra as suas pernas. O ônibus não estava cheio, havia lugares. Ela poderia descansar um pouco, cochilar até a hora da descida. Ao entrar, um homem levantou lá de trás, do último banco, fazendo um sinal para o trocador. Passou em silêncio, pagando a passagem dele e de Maria. Ela reconheceu o homem. Quando tempo, que saudades! Como era difícil continuar a vida sem ele. Maria sentou-se na frente. O homem assentou-se ao lado dela. Ela se lembrou do passado. Do homem deitado com ela. Da vida dos dois no barraco. Dos primeiros enjoos. Da barriga enorme que todos diziam gêmeos, e da alegria dele. Que bom! Nasceu! Era um menino! E haveria de se tornar um homem. Maria viu, sem olhar, que era o pai do seu filho. Ele continuava o mesmo. Bonito, grande, o olhar assustado não se fixando em nada e em ninguém. Sentiu uma mágoa imensa. Por que não podia ser de outra forma? Por que não podiam ser felizes? E o menino, Maria? Como vai o menino? cochichou o

homem. Sabe que sinto falta de vocês? Tenho um buraco no peito, tamanha a saudade! Tou sozinho! Não arrumei, não quis mais ninguém. Você já teve outros... outros filhos? A mulher baixou os olhos como que pedindo perdão. É. Ela teve mais dois filhos, mas não tinha ninguém também! Homens também? Eles haveriam de ter outra vida. Com eles tudo haveria de ser diferente. Maria, não te esqueci! Tá tudo aqui no buraco do peito...

O homem falava, mas continuava estático, preso, fixo no banco. Cochichava com Maria as palavras, sem entretanto virar para o lado dela. Ela sabia o que o homem dizia. Ele estava dizendo de dor, de prazer, de alegria, de filho, de vida, de morte, de despedida. Do buraco-saudade no peito dele... Desta vez ele cochichou um pouquinho mais alto. Ela, ainda sem ouvir direito, adivinhou a fala dele: um abraço, um beijo, um carinho no filho. E logo após, levantou rápido sacando a arma. Outro lá atrás gritou que era um assalto. Maria estava com muito medo. Não dos assaltantes. Não da morte. Sim da vida. Tinha três filhos. O mais velho, com onze anos, era filho daquele homem que estava ali na frente com uma arma na mão. O de lá de trás vinha recolhendo tudo. O motorista seguia a viagem. Havia o silêncio de todos no ônibus. Apenas a voz do outro se ouvia pedindo aos passageiros que entregassem tudo rapidamente. O medo da vida em Maria ia aumentando. Meu Deus, como seria a vida dos seus filhos? Era a primeira vez que ela via um assalto no ônibus. Imaginava o terror das pessoas. O comparecimento de seu ex-homem passou por ela e não pediu nada. Se fossem outros os assaltantes? Ela teria para dar uma sacola de frutas, um osso de pernil e uma gorjeta de mil cruzeiros. Não tinha relógio algum no braço. Nas mãos nenhum anel ou aliança. Aliás, nas mãos tinha sim! Tinha um profundo corte feito com faca-laser que parecia cortar até a vida.

Os assaltantes desceram rápido. Maria olhou saudosa e desesperada para o primeiro. Foi quando uma voz acordou a coragem dos demais. Alguém gritou que aquela puta safada conhecia os assaltantes. Maria assustou-se. Ela não conhecia assaltante algum. Conhecia o pai do seu primeiro filho. Conhecia o homem que tinha sido dela e que ela ainda amava tanto. Ouviu uma voz: Negra safada, vai ver que estava de coleio com os dois. Outra voz ainda lá do fundo do ônibus acrescentou: Calma gente! Se ela estivesse junto com eles, teria descido também. Alguém argumentou que ela não tinha descido só para disfarçar. Estava mesmo com os ladrões. Foi a única a não ser assaltada. Mentira, eu não fui e não sei porquê. Maria olhou na direção de onde vinha a voz e viu um rapazinho negro e magro, com feições de menino e que relembra vagamente o seu filho. A primeira voz, a que acordou a coragem de todos, tornou-se um grito: Aquela puta, aquela negra safada estava com os ladrões! O dono da voz levantou e se encaminhou em direção a Maria. A mulher teve medo e raiva. Que merda! Não conhecia assaltante algum. Não devia satisfação a ninguém. Olha só, a negra ainda é atrevida, disse o homem, lascando um tapa no rosto da mulher. Alguém gritou: Lincha! Lincha! Lincha!... Uns passageiros desceram e outros voaram em direção a Maria. O motorista tinha parado o ônibus para defender a passageira: Calma, pessoal! Que loucura é esta? Eu conheço esta mulher de vista. Todos os dias, mais ou menos neste horário, ela toma o ônibus comigo. Está vindo do trabalho, da luta para sustentar os filhos... Lincha! Lincha! Lincha! Maria punha sangue pela boca, pelo nariz e pelos ouvidos. A sacola havia arrebentado e as frutas rolavam pelo chão. Será que os meninos gostam de melão?

Tudo foi tão rápido, tão breve. Maria tinha saudades do seu ex-homem. Por que estavam fazendo isto com ela? O homem havia segredado um abraço, um beijo, um carinho no filho. Ela precisava chegar em casa para transmitir o recado. Estavam todos armados com facas-laser que cortam até a vida. Quando o ônibus esvaziou, quando chegou a polícia, o corpo da mulher já estava todo dilacerado, todo pisoteado. Maria queria tanto dizer ao filho que o pai havia mandado um abraço, um beijo, um carinho.

(*Olhos d'água*, p. 39-42).

Aprofundar a escrita trazendo novos elementos, após a leitura do conto Maria.

Possíveis questões norteadoras para a discussão a partir da leitura do texto **Maria**

1. Por que o título do conto leva o nome de Maria? Que outras Marias nós conhecemos que vivem uma vida similar à de Maria do conto?
2. Que outro final você daria a Maria? Justifique.
3. Reescrevendo seu texto a partir do anterior

RESPOSTAS: Todas as respostas são pessoais, devendo-se levar em consideração a pertinência ao tema e ao texto lido. Portanto, o professor, enquanto mediador, deverá ponderar cada resposta e fazer as intervenções caso necessário.

ROTEIRO 4

Objetivos: Ler o conto **Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos** e discutir acerca das representações de gênero, raça, classe e a violência presentes no texto.

Tempo: seis aulas

Desenvolvimento: Retomada do relato de escrita de cada aluno; identificando estrutura e reescrevendo, caso necessário. Além disso, a exposição oral do texto do



Fonte: Google Imagens

próprio aluno para a turma, para o estudante que se sentir confortável em fazer a leitura das práticas de escrita.

Em seguida, apresentar o conto **Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos** dialogando sobre o título e fazendo inferências sobre a escolha do nome para o título e discutindo as questões de gênero, raça e classe presentes no conto. Depois, dialogar acerca das experiências vividas e/ou experiências de vizinhos, amigos ou familiares, lembrando traços da infância, histórias e fatos inesquecíveis, principalmente no quesito brinquedo. Além disso, evidenciar as marcas da oralidade introduzindo a temática sobre variação linguística.

Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos

Zaíta espalhou as figurinhas no chão. Olhou demoradamente para cada uma delas. Faltava uma, a mais bonita, a que retratava uma garotinha carregando uma braçada de flores. Um doce perfume parecia exalar da figurinha ajudando a compor o minúsculo quadro. A irmã de Zaíta há muito tempo desejava o desenho e vivia propondo uma troca. Zaíta não aceitava. A outra, com certeza, pensou Zaíta, havia apanhado a figurinha-flor. E

agora, como fazer? Não poderia falar com a mãe. Sabia no que daria a reclamação. A mãe ficaria com raiva e bateria nas duas. Depois rasgaria todas as outras figurinhas, acabando de vez com a coleção. A menina recolheu tudo meio sem graça. Levantou-se e foi lá no outro cômodo da casa voltando com uma caixa de papelão. Passou pela mãe, que chegava com algumas sacolas do supermercado. A mãe de Zaíta estava cansada. Tinha trinta e quatro anos e quatro filhos. Os mais velhos já estavam homens. O primeiro estava no Exército. Queria seguir carreira. O segundo também. As meninas vieram muito tempo depois, quando Benícia pensava que nem engravidaria mais. Entretanto, lá estavam as duas. Gêmeas. Eram iguais, iguaizinhas. A diferença estava na maneira de falar. Zaíta falava baixo e lento. Naíta, alto e rápido. Zaíta tinha nos modos um quê de doçura, de mistérios e de sofrimento. Zaíta virou a caixa, e os brinquedos se esparramaram, fazendo barulho. Bonecas incompletas, chapinhas de garrafas, latinhas vazias, caixas e palitos de fósforos usados.

Mexeu em tudo, sem se deter em brinquedo algum. Buscava insistentemente a figurinha, embora soubesse que não a encontraria ali. No dia anterior, havia recusado fazer a troca mais uma vez. A irmã oferecia pela figurinha aquela boneca negra, a que só faltava um braço e que era tão bonita. Dava ainda os dois pedaços de lápis cera, um vermelho e um amarelo, que a professora lhe dera. Ela não quis. Brigaram. Zaíta chorou. À noite, dormiu com a figurinhaflor embaixo do travesseiro. De manhã, foram para escola. Como o quadrinho da menina-flor tinha sumido? Zaíta olhou os brinquedos largados no chão e se lembrou da recomendação da mãe. Ela ficava brava quando isso acontecia. Batia nas meninas, reclamava do barraco pequeno, da vida pobre, dos filhos, principalmente do segundo. Um dia Zaíta viu que o irmão, o segundo, tinha os olhos aflitos. Notou ainda quando ele pegou uma arma debaixo da poltrona em que dormia e saiu apressado de casa. Assim que a mãe chegou, Zaíta perguntou-lhe por que o irmão estava tão aflito e se a arma era de verdade. A mãe chamou a outra menina e perguntou-lhe se ela tinha visto alguma coisa. Não, Naíta não tinha visto nada.

Benícia recomendou então o silêncio. Que não perguntassem nada ao irmão. Zaíta percebeu que a voz da mãe tremia um pouco. De noite, julgou ouvir alguns estampidos de bala ali por perto. Logo depois, escutou os passos apressados do irmão que entrava. Ela se achegou mais para junto da mãe. A irmã dormia. A mãe se mexeu na cama várias vezes; em um dado momento sentou assustada, depois se deitou novamente cobrindo-se toda. O calor dos corpos da mãe e da irmã lhe davam certo conforto. Entretanto, não conseguiu dormir mais, tinha medo, muito medo, e a mãe lhe pareceu ter passado a noite toda acordada. Zaíta levantou e saiu, deixando os brinquedos espalhados, ignorando as recomendações da mãe. Alguns ficaram descuidadosamente expostos pelo caminho. A linda boneca negra, com seu único braço aberto, parecia sorrir desamparadamente feliz. A menina estava pouco se importando com os tapas que pudesse receber. Queria apenas encontrar a figurinha-flor que tinha sumido. Procurou pela irmã nos fundos da casa e, desapontada, só encontrou o vazio. A mãe ainda arrumava os poucos mantimentos no velho armário de madeira. Zaíta teve medo de olhar para ela. Saiu sem a mãe perceber e bateu no barraco de Dona Fiinha, ao lado. A irmã não estava ali também. Onde estava Naíta? Onde ela havia se metido? Zaíta saiu de casa em casa por todo o beco, perguntando pela irmã. Ninguém sabia responder. A cada ausência de informação sua mágoa crescia. Foi andando junto com a desesperança. Tinha o pressentimento de que a figurinha-flor não existia mais. O irmão de Zaíta, o que não estava no Exército, mas queria seguir carreira, buscava outra forma e local de poder. Tinha um querer bem forte dentro do peito. Queria uma vida que valesse a pena. Uma vida farta, um caminho menos árduo e o bolso não vazio. Via os seus trabalharem e acumularem miséria no dia a dia. O pai dele e do irmão mais velho gastava seu pouco tempo de vida comendo poeira de tijolos, areia, cimento e cal nas construções civis. O pai das gêmeas, que durante anos morou com sua mãe, trabalhava muito e nunca trazia o bolso cheio. O moço via mulheres, homens e até mesmo crianças, ainda meio adormecidos, saírem para o trabalho e voltarem pobres como foram, acumulados de cansaço apenas. Queria, pois, arrumar a vida de outra forma. Havia alguns que trabalhavam de outro modo e ficavam ricos. Era só insistir, só ter coragem. Só dominar o medo e ir adiante. Desde pequeno, ele vinha acumulando experiências.

Novo, criança ainda, a mãe nem desconfiava e ele já traçava o seu caminho. Corria ágil pelos becos, colhia recados, entregava encomendas, e displicentemente assobiava uma música infantil, som indicativo de que os homens estavam chegando. Zaíta andava de beco em beco à procura da irmã. Chorava. Algumas pessoas conhecidas perguntavam o porquê de ela estar tão longe de casa. A menina se lembrou da mãe e da raiva que ela devia estar. Ia apanhar muito quando voltasse. Não se importou com aquela lembrança. Naquele momento, ela buscava na memória como o desenho da menina-flor tinha nascido em sua coleção. A figurinha podia ter vindo em um daqueles envelopes que o irmão, o segundo, às vezes comprava para ela. Quem sabe viera no meio das duplicatas que a mãe ganhava da filha da patroa, ou ainda fruto de alguma troca que ela fizera na escola? Mas podia ser também parte de um segredo que ela não havia contado nem para sua igual, a Naíta. A figurinha podia ser uma daquelas dez, que ela havia comprado um dia com uma moeda que tirara da mãe, sem que ela percebesse. Zaíta, por mais que se esforçasse retomando as lembranças, não conseguia atinar como a figurinha-flor tinha se tornado sua. A mãe de Zaíta guardou rapidamente os poucos mantimentos. Teve a sensação de ter perdido algum dinheiro no supermercado. Impossível, levava a metade do salário e não conseguira comprar quase nada. Estava cansada, mas tinha de aumentar o ganho. Ia arranjar trabalho para os finais de semana. O primeiro filho nunca pedia dinheiro, mas ela sabia que ele precisava. E, sem que o segundo soubesse, Benícia

colocava uns trocadinhos debaixo do travesseiro para ele, quando ele vinha do quartel. Havia também o aluguel, a taxa de água e de luz. Havia ainda a irmã com os filhos pequenos e com o homem que ganhava tão pouco. A mãe de Zaíta, às vezes, chegava a pensar que o segundo filho tinha razão. Vinha a vontade de aceitar o dinheiro que ele oferecia sempre, mas não queria compactuar com a escolha dele.

Orgulhosamente, não aceitava que ele contribuísse com nada em casa. Estava, porém, chegando à conclusão de que trabalho como o dela não resolvia nada. Mas o que fazer? Se parasse, a fome viria mais rápida e voraz ainda. Benícia, ao dar por falta das meninas, interrompeu os pensamentos. Não ouvia as vozes das duas havia algum tempo. Deviam estar metidas em alguma arte. Sentiu certo temor. Veio andando aflita da cozinha e tropeçou nos brinquedos esparramados pelo chão. A preocupação anterior se transformou em raiva. Que merda! Todos os dias tinha que falar a mesma coisa! Onde as duas haviam se metido? Por que tinham deixado tudo espalhado? Apanhou a boneca negra, a mais bonitinha, a que só faltava um braço, e arrancou o outro, depois a cabeça e as pernas. Em poucos minutos, a boneca estava destruída; cabelos arrancados e olhos vazados. A outra menina, Naíta, que estava no barraco ao lado, escutando os berros da mãe, voltou aflita. Foi recebida com tapas e safanões. Saiu chorando para procurar Zaíta. Tinha duas tristezas para contar a sua irmã igual. Havia perdido uma coisa de que Zaíta gostava muito. De manhã tinha apanhado a figurinha debaixo do travesseiro. Queria sentir o perfume de perto. E agora não sabia mais onde estava a flor... A outra coisa era que a mamãe estava brava porque os brinquedos estavam largados no chão, e de raiva ela havia arreventado aquela bonequinha negra, a mais linda... Nos últimos tempos na favela, os tiroteios aconteciam com frequência e a qualquer hora. Os componentes dos grupos rivais brigavam para garantir seus espaços e freguesias. Havia ainda o confronto constante com os policiais que invadiam a área. O irmão de Zaíta liderava o grupo mais novo, entretanto, o mais armado. A área perto de sua casa ele queria só para si. O barulho seco de balas se misturava à algazarra infantil. As crianças obedeciam à recomendação de não brincarem longe de casa, mas às vezes se distraíam. E, então, não experimentavam somente as balas adocicadas, suaves, que derretiam na boca, mas ainda aquelas que lhes dissolviam a vida. Zaíta seguia distraída em sua preocupação. Mais um tiroteio começava. Uma criança, antes de fechar violentamente a janela, fez um sinal para que ela entrasse rápido em um barraco qualquer. Um dos contedores, ao notar a presença da menina, imitou o gesto feito pelo garoto, para que Zaíta procurasse abrigo. Ela procurava, entretanto, somente a sua figurinha-flor... Em meio ao tiroteio a menina ia. Balas, balas e balas desabrochavam como flores malditas, ervas daninhas suspensas no ar. Algumas fizeram círculos no corpo da menina. Daí a um minuto, tudo acabou.

Homens armados sumiram pelos becos silenciosos, cegos e mudos. Cinco ou seis corpos, como o de Zaíta, jaziam no chão. A outra menina seguia aflita à procura da irmã para lhe falar da figurinha-flor desaparecida. Como falar também da bonequinha negra destruída? Os moradores do beco onde havia acontecido o tiroteio ignoravam os outros corpos e recolhiam só o da menina. Naíta demorou um pouco para entender o que havia acontecido. E, assim que se aproximou da irmã, gritou entre o desespero, a dor, o espanto e o medo:

— Zaíta, você esqueceu de guardar os brinquedos!

(*Olhos d'água*, 71 – 76)

Possíveis questões norteadoras para a discussão a partir da leitura do texto **Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos**

1. Discutindo sensações e sentimentos após a leitura.

Nesse momento, lembranças da infância, do brincar e da relação entre os irmãos pai e mãe. Quem tomava conta dos filhos? Mãe ou pai? Qual a tarefa doméstica desenvolvia o pai e a mãe? Aqui, certamente, a maior discussão será na questão de gênero e do machismo que perpassa a sociedade.

2. Descrever a relação entre os irmãos e como eram as brincadeiras.

3. As preocupações da mãe com os filhos. O acobertar os “erros” dos filhos é normal? Por que as mães fazem isso?

4. Hora de reescrever o relato...

RESPOSTAS: Todas as respostas são pessoais, devendo-se levar em consideração a pertinência ao tema e ao texto lido. Portanto, o professor, enquanto mediador, deverá ponderar cada resposta e fazer as intervenções caso necessário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS?

Não entendeu o porquê da pergunta? A curiosidade bateu? Siga a leitura e descubra o motivo de uma interrogação.

Normalmente, nesse ponto do trabalho, fazem-se as considerações finais, no entanto, prefiro deixar uma interrogação e fazer com que você, leitor, teça as suas próprias considerações finais após fazer uso desse caderno pedagógico. Afinal, não me foi possível a aplicação prática, mas a pesquisa bibliográfica já deu tom de como será essa finalização. Não tenho dúvida de

que, ao aplicar o projeto em sua sala de aula, seus estudantes irão se deleitar com essa literatura, com um olhar mais sensível, mais atento a tudo que os ronda. Um olhar diferenciado para o racismo, o machismo e o sexismo ainda tão presentes em nossa sociedade.

Para tanto, as leituras serão norteadoras para produção de textos autorais a partir da história vivida, sem deixar de levar em consideração também outros textos fictícios, caso algum discente queira compartilhar, afinal, conforme (CAMPAGNON, 2016), a literatura varia conforme as épocas em que está inserida, além de envolver fatos históricos, linguísticos de forma verossímil, o que me fez compreender ainda mais a importância da literatura de Conceição Evaristo. Levar uma literatura para sala de aula que dialogue com a vivência dos estudantes, principalmente da EJA, é essencial para que seja uma leitura que convide a classe a dançar com a literatura. Aqui *dança* uma metáfora utilizada por Mônica de Menezes Santos (2019) como sinônimo de prazer, deleite e liberdade de pensar e atribuir sentido àquilo que lemos. Nessa perspectiva, o projeto tem como foco a produção escrita, sem deixar de lado a leitura feita pelo participante acerca dos contos lidos e compartilhados em sala.



A cada roteiro, uma produção. A cada roteiro, uma descoberta. A cada roteiro, uma viagem. A cada roteiro, um acréscimo de informação, uma revisão textual e diálogos entre discentes e professor. É com esse diálogo, por meio da roda de conversa que o projeto cresce e as considerações finais se aproximam de modo que a cada escrita, reescrita e/ou nova produção, o docente estará mediando tantas descobertas: a de ser escritor e curador, que o estudante se sentirá parte do processo de leitura e escrita, além de se sentir o agente da própria transformação. Lembrando que todos os alunos participarão, de alguma forma, do projeto, afinal, envolve escrita, leitura e diálogos.

Que tipo de curadoria seria essa para que o estudante se torne curador além de ser escritor?

Segundo o Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, Curador é “que ou o que cura, sara um doente” (HOUAISS, 2008, p.892), nesse aspecto, metoforizando o sentido, vamos curar um “doente” da falta de leitura, do medo de escrever e se sentir parte do processo. Já a curadoria é “o ato, processo ou efeito de curar, cuidado” (HOUAISS, 2008, p.892), cuidado com a produção, análise do que se escreve e da forma como escreve e para quem escreve; cuidado, sensibilidade para exposição do próprio trabalho.

Segundo, (GONRING, 2015 p.277), a curadoria [...] trata-se de uma atividade particularmente ligada à dimensão de presença da linguagem, na qual o embate direto com o real é preponderante à atuação puramente simbólica. Nesse aspecto, Gonring (2015) afirma ainda que a curadoria deixa de ser específica das artes e inicia a intersecção por outras áreas de forma multidisciplinar. Nesse aspecto, o curador é o detentor do conhecimento é aquele que seleciona o que pode ser apreciado pelo público e, dessa forma, o curador-estudante se torna o autor e agente de uma exposição e de uma transformação social e pessoal até então, algo tão distante de acontecer, além de ser o detentor do conhecimento, aquele selecionador de obras para serem estimadas por outros leitores.

Partindo desses conceitos, a conclusão desta proposta de intervenção é a realização de um processo que denomino Curadoria Crítico-Cultural de Reexistência (CCCR). O que é essa curadoria? O que tem a ver com a proposta do caderno pedagógico?

É nesse sentido que aqui a curadoria toma outro significado, outro sentido, dialogando com a educação, com o ensino de língua materna. Essa nossa curadoria, nomeio de Curadoria Crítico-Cultural de Reexistência (CCCR): **Crítico** por tornar a aprendizagem, conforme (STREET, 2005), visível a criticidade e o melhor aprendizado da língua e das

questões que perpassam todo o campo social; **Cultural** por envolver aspectos culturais diversos a partir da realidade de cada discente e de **Reexistência**, uso esse termo de autoria de (SOUZA, 2011), para vociferar textos, experiências e vivências históricas das pessoas da EJA. Assim, a Curadoria Crítico-Cultural de Reexistência é o sujeito agente da vida e das escolhas, além de ser o processo que dá voz, vida, autonomia e o poder de fazer e de (re) construir a as vivências e transformar a realidade em que vivem. Após a última escrita revisada, o professor-pesquisador reunirá todos os contos, organizando-os para enviá-los a uma gráfica para confecção do banner que será o produto do projeto de intervenção. A etapa final será organizada com uma noite de exposição, ou seja, a Curadoria Crítico-Cultural de Reexistência, organizada pelo docente juntamente com os discentes para o dia do lançamento e um coquetel para agradecer o empenho e participação de todos e de todas no projeto. Além de depoimentos do alunado que se sentir confortáveis para tal ação.

Durante a apreciação, o estudante que se sentir confortável poderá ler em voz alta a sua produção. Lembrando que todo o cenário será montado em parceria com a escola, direção, coordenação e professor. Assim, o Material de áudio estará disponível no meio da sala, onde estará acontecendo a curadoria, para agradecimentos e leituras.

REFERÊNCIAS

- ARROYO, Miguel González. **Educação de jovens-adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública**. In: SOARES, Leôncio; GIOVANETTI, Maria Amélia G. C.; GOMES, Nilma Lino (orgs.). **Diálogos na educação de jovens e adultos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 19- 50.
- CAMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria: Literatura e senso comum**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 20016.
- CARNEIRO, Suelaine. Mulheres negras na educação – desafios para a sociedade brasileira. In: CARREIRA, Denise. et al. **Gênero e educação – fortalecendo uma agenda para as políticas educacionais**. São Paulo: Ação Educativa, Cladem, Ecos, Geledés, Fundação Carlos Chagas. 2016.
- CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011.
- EVARISTO, Conceição. **Olhos d’água**. Rio de Janeiro,: Pallas, 2016.
- GONRING, G. M. **(O que) pode a curadoria inventar?** Galaxia (São Paulo, Online), n. 29, p. 276-288, jun. 2015.
- HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Sales. **Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.
- JOSSO , Marie-Christine. **A transformação de si a partir A transformação de si a partir da narração de histórias de vida**. Porto Alegre/RS, ano XXX, n. 3 (63), p. 413-438, set./dez. 2007. Disponível em: revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/download/.../2088. Acesso em: 06 dez. 2016.
- KLIEMAN, Angela. **Preciso “ensinar” o letramento?** Capinas: UNICAMP, 2005.
- Lei N° 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2003/L10.639.htm. Acesso em: 04 out. 2019.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Oralidade e letramento. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. São Paulo: Cortez, 2003. P. 15-43.
- MUNANGA, Kabengele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. Disponível em: www.geledes.org.br/.../Uma-abordagem-conceitual-das-nocoes-de-raca-r... Acesso em: 24 de nov. 2016.
- Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos / Comitê Nacional de Educação em Direitos Humanos**. – Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, Ministério da Educação, Ministério da Justiça, UNESCO, 2007.
- RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- SANTOS, Mônica de Menezes. Por livros e leitores que dançam. In: SANTOS, José Henrique de Freitas; ASSUMPÇÃO, Simone Souza de (Org.). **Redes de aprendizagens entre a escola e a universidade**. Salvador: EDUFUBA, 2019. P. 227-248.

SOUZA, Ana Lúcia Silva. **Letramentos de Reexistência**: poesia, grafite, música, dança: Hip-Hop. São Paulo: Parábola, 2011.

TREET, B.V. *Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação*. Trad.: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

SILVA, Ana Célia da. **A discriminação do negro no livro didático**. 2. ed. Salvador: EDUFBA, 2004.

